

Universidades Lusíada

Ferreira, Alcino Baptista, 1942-
Brito, Victor Manuel Guerreiro de, 1965-

**Alcoutim : arquitectura, sinais e identidade :
fenomenologia da arquitectura**

<http://hdl.handle.net/11067/3403>

Metadata

Issue Date	2017-07-05
Abstract	O território de Alcoutim é um local escondido, situado no nordeste da serra algarvia do Caldeirão. Território de transição, de passagem, mas também de fixação para aqueles que o escolheram. É um local com memória. Memória inscrita nos monumentos patrimoniais, que como obras-primas de referência que são, peças onde a civilização se exprimiu em determinado momento do tempo, carece de inventários actualizados. As actualizações são intervenções de salvaguarda, de recuperação e reabilitação do passad...
Keywords	Sítios históricos - Portugal - Faro, Sítios históricos - Conservação e restauro - Portugal - Faro, Alcoutim (Faro, Portugal) - Edifícios, estruturas, etc.
Type	article
Peer Reviewed	No
Collections	[ULL-FAA] RAL, n. 7 (1.º semestre 2015)

This page was automatically generated in 2018-11-16T02:26:40Z with information provided by the Repository

FERREIRA, Alcino Baptista e BRITO, Victor Manuel Guerreiro de (2015). Alcoutim: arquitectura, sinais e identidade. Fenomenologia da arquitectura. Revista Arquitectura Lusíada, N. 7 (1.º semestre 2015): p. 121-131. ISSN 1647-9009.

ALCOUTIM: ARQUITECTURA, SINAIS E IDENTIDADE. FENOMENOLOGIA DA ARQUITECTURA

**Alcino Baptista Ferreira
Victor Manuel Guerreiro de Brito**

RESUMO

O território de Alcoutim é um local escondido, situado no nordeste da serra algarvia do Caldeirão. Território de transição, de passagem, mas também de fixação para aqueles que o escolheram. É um local com memória. Memória inscrita nos monumentos patrimoniais, que como obras-primas de referência que são, peças onde a civilização se exprimiu em determinado momento do tempo, carece de inventários actualizados. As actualizações são intervenções de salvaguarda, de recuperação e reabilitação do passado. Para que exista empenhamento pela preservação dos monumentos por parte dos povos são necessários inventários devidamente esclarecedores. Memórias transmitidas nos sinais que revelam a identidade de um povo na sua arquitectura. Para conseguir esse efeito, tendo como referência as recomendações da Carta de Atenas de 1931, procuram-se aqui, fundamentalmente, os registos descritivos e ilustrações do património que permitiram as intervenções recentes de arquitectura.

PALAVRAS-CHAVE

Arquitectura, Sinais, Identidade, Memória e território.

ABSTRACT

The territory of Alcoutim is a hidden location, situated in the northeastern hills of the Algarve's Caldeirão Mountain. Territory of transition, crossing point, but also a living place for those who have chosen it to do so. It is a place with memory. The heritage monuments, as masterpieces of reference that they are, pieces where civilization expressed itself at a given moment of time, lack updated inventories. Updates are safeguard interventions allowing recovery and rehabilitation of the past. In order to promote people's commitment to monument preservation, enlightening inventories are necessary. Memories transmitted by signs that unveils people's identity based on its architecture. To achieve this effect, with reference to the recommendations of the Athens Chart of 1931, we mainly look for heritage descriptive records and illustrations which have allowed recent architectural.

KEY-WORDS

Architecture, Signs, Identity, Memory and territory.

VILA DE ALCOUTIM



1. Vilas de Alcoutim e de Sán Lucar del Guadiana

Alcoutim é um território de passagem, de transição e de metamorfoses de culturas, encaixado entre o Alentejo, o Algarve e a Andaluzia espanhola. Sentem-se os lugares, ligados à memória de um rio, de uma vila, de um castelo, de um casario branco, de serras e vales a perder de vista. Sítios de amplitude e silêncio. Espaços singulares que pertencem a um território com identidade. Identidade que se observa nos rostos das gentes locais, nas casas de construção vernacular de acabamentos toscos e nas árvores endogénicas que pintalgam o território.

Surgiram momentos de admiração quando avistamos as aldeias, os montes e os lugares de limitado assentamento humano e que polvilham de branco a paisagem, misturando-se com os solos de culturas locais ou com os terrenos hostis onde proliferam estevas e rosmaninhos. Para compreender o território recorremos à história, à memória e experimentamos os nossos canais sensoriais. O silêncio e a dimensão desta terra identificam-na como sítio de um tempo passado e presente. Visitaram-se ambientes naturais, construídos e arquitectados, alguns locais ainda ocupados ou já destruídos, mas que continuam em manter-se firmados na paisagem. Permanecem devido às diligências das entidades que deles cuidam, da devoção de quem os estuda e analisa e ainda das populações que os sabem guardar. A identidade destes locais existe na memória. Descrevem-se os sítios, os projectos e abarcamos a identidade dos lugares ligados aos conjuntos edificados ou apenas projectados e previmos, no decorrer dos nossos processos de análise, interpretar os sinais que nos chegam da história. Trazemos à vida pedras e excertos de tempo partindo de intervenções de arquitectura minimalista projectada para o território, tal como sustenta Jean-Paul Sartre: “A compreensão não é uma qualidade que vem de fora da realidade humana é a sua própria maneira de ser” (PALLASMMA, 2012: 10). Sentimos que as pedras esperaram pela sua vez para falar, num mundo de sinais onde

a arqueologia e a arquitectura rescrevem o lugar. Os pedaços de materiais encontrados e despojos consequentes da passagem do tempo, levam-nos a perceber a importância destas culturas, porque consecutivas civilizações que ocuparam o território doaram-nos este património arqueológico e cultural notável. A arquitectura adopta o método da fenomenologia, compreendendo aquilo que as coisas são em si mesmo, a descrição da essência. Aquilo que a estrutura de cada ser humano consegue olhar, tocar e perceber e "ao desenhar o contorno de um objecto, uma figura humana ou uma paisagem, estou realmente a tocar e sentir a superfície do objecto da minha atenção e, inconscientemente, sentir e interiorizar sua personagem" (PALLASMMA, 2012: 100). O impacto da realidade é inexprimível, porque é infinito.

Enquanto percorríamos estes locais e sentíamos as pedras que nos prensavam os pés, a alegoria da imaginação complementava o que faltava para compreender o cenário. O tempo e a arqueologia possibilitaram-nos adquirir a sensação de refazer os lugares dentro do que somos e a partir do nosso corpo enquanto medida de todas as coisas. As metamorfoses são os vínculos que ligam os diferentes tempos, culturas, desejos e necessidades. No projecto em património, são evidentes essas metamorfoses, porque os lugares e o tempo assim o demonstram. Para manter a identidade do lugar devemos recriá-lo e valorizá-lo sabendo interpretar os sinais que estabelecem necessidades e limites. A arquitectura é um acto realizado por via da interpretação na paisagem, "como consequência deste árduo e complexo processo, o edifício existe como uma construção mental imaterial muito antes de começar a obra real" (PALLASMMA, 2012: 74 e 75). O projecto passa pela sensata proporção da escala e pela articulação dos seus elementos, na concordância de um ângulo, de uma recta, da luz, dos materiais escolhidos e/ou conjugados com os existentes, porque "só a arquitectura oferece as sensações tácteis" (HOLL, 2011: 10). As ideias tocam por vezes o limiar do realizável. No final, a obra emerge sustentada pela tecnicidade e beleza, tendo como cenário o ambiente onde se descobre a compreensão táctil e em particular quando o nosso olhar se vai afastando do local da intervenção. Assim percebemos a ligação entre o edificado e a natureza. O arquitecto abrigou-se no seu corpo, esse corpo que o ajudou a projectar a partir da sua memória, da sua identidade e da sua capacidade de interpretar os sinais. Das ideias resultam os desenhos iniciais traçados em folhas normalizadas A4 ou em pedaços de papel rasgados das tolhas de mesas dos restaurantes, esboços que dão forma a essas ideias e ao método de abordagem que nos liga à redescoberta da identidade do território. Do lugar, estão presentes o espaço e o momento, porque "nas mãos do arquitecto, o lápis surge como uma ponte entre a mente que imagina e a imagem que aparece na folha de papel" (PALLASMMA, 2012: 14). Os traços nasceram a partir da sua observação, desenha e recria o lugar, ajudado pela sua mão que pensa.

Arquitectura e paisagem

Um imóvel de património é resultado de um variado leque de intervenções e utilizações, que sucederam ao longo do tempo e assim surge como um arquivo de informações. Por isso o património desponta como um documento uno de história e arquitectura, e "observando as habitações alheias e juntando coisas novas aos seus projectos, cada dia melhoraram as formas das choupanas" (MACIEL, 2006: 71). Tudo é reinventado e adaptado ao longo do tempo e em cada lugar, por necessidades e desejos. Existe um conjunto de singularidades associadas a um objecto que lhe permitem adquirir e afirmar a sua identidade, porque a arquitectura é a vida embebida nas pedras, evidenciada também pela sua interacção, quer seja em termos de ligação do objecto com o observador, quer seja em termos do sentido que esse objecto irá ter como parte de uma estrutura, "O mundo não é o que o homem pensa, mas o que ele vive. ... É pela percepção que o homem se torna homem, porque o mundo se torna mundo" (FERREIRA, 2011: 152). O significado prático e funcional não pode ser obtido em detrimento do carácter emocional que deverá ser igualmente próprio do objecto. Para um

arquitecto é fundamental compreender o espaço, a sua identidade, estrutura e significado.¹ Na arquitectura, interessa a síntese das coisas, porque essas sínteses são recolocadas na existência de um cenário de paisagem e ambiente. Ambiente que depende em muito de como as cidades, vilas, aldeias e aglomerados habitacionais funcionam.



2. Villa do Montinho das Laranjeiras

A 9 quilómetros a sul da vila de Alcoutim localiza-se a estação arqueológica do Montinho das Laranjeiras e posiciona-se ligeiramente a norte da povoação com o mesmo nome, numa plataforma sobranceira ao Guadiana. Consecutivas civilizações que ocuparam o local doaram-nos um património arqueológico e cultural de notável riqueza. Narramos, com a ajuda indispensável da arqueologia, os sinais das épocas romana, visigótica e islâmica. Por este território passaram ainda outras populações do período neolítico, do calcolítico, das idades do bronze e do ferro até à época medieval cristã. A arquitectura, a arqueologia e a natureza interagem dentro dos limites definidos como área territorial da estação arqueológica. Depois destas civilizações findarem, o tempo legou-nos o que resta das suas construções, manuscritos, objectos de arte, objectos de uso diário e outros que designamos por achados arqueológicos. O entusiasmo é grande, quando percebemos que uma determinada peça viajou numa espécie de cápsula do tempo até nós; ou quando questionamos aquilo que ainda permanece nos lugares, nestes sítios que visitamos. Num pensamento limite, poderíamos questionar se as peças arqueológicas mais importantes não serão aqueles que jamais encontraremos? Porque desta forma poderemos alimentar a nossa imaginação, recriando e/ou mistificando. Num trabalho de equipa procuramos trazer à vida pedras, fragmentos de tempo e sinais de história, através de uma intervenção de arquitectura minimalista, consistente e assimilada no ambiente e no território.

¹ Cf. Lynch, Kevin (2008). *A Imagem da Cidade* – Edições 70.

Partindo de riscos produzidos por lapiseiras e com ideias conceptuais intrínsecas a uma arquitectura contemporânea, o projectista refugiou-se no seu corpo. Esse corpo que o ajudou a projectar a partir da sua memória, da sua identidade e da sua capacidade de interpretar os sinais. Procurou no silêncio do que restava da outra arquitectura, a milenar, uma intervenção contemporânea que fosse discreta e enquadrada na paisagem e no lugar. Sentir o nosso corpo que atravessa a paisagem, e porque o “nosso domicílio é o refúgio do nosso corpo, da nossa memória e da nossa identidade” (PALLASMAA, 2012: 66). Do programa inicial prevaleceu a ideia - O entrar na história: do romano ao islâmico, passando pela antiguidade tardia e o paleocristianismo, procurando recriar a história milenar do sítio e das ambiências, porque as “sombras profundas são fundamentais, pois atenuam a nitidez da visão” (PALLASMAA, 2012: 47 e 48). Em termos metodológicos, a intervenção² visou acatar as fases históricas do imóvel, “a história é uma inscrição cumulativa, porque cada gesto de cada homem, na sua autenticidade rasga o invisível e institui as diferentes dimensões que são o mundo humano, a história” (FERREIRA, 2011: 158), percebendo a importância dos materiais originais, avaliando valores estéticos e históricos, desejando intervir minimamente e regradamente no local e na envolvente. Durante os estudos de arquitectura, decorreu em paralelo o projecto referente à conservação e restauro³, onde se aplicaram métodos com técnicas completamente reversíveis e métodos discerníveis tendo como objectivo final, distinguir o que é original do projectualmente restaurado, assim os muros que foram construídos e assentes no pavimento sobre a gravilha com tonalidade colorida têm as dimensões e orientações idênticas aos originais possuindo pequenas espessuras. Durante a fase dos projectos de arquitectura e de conservação e restauro, foi elaborado o projecto relativo à sinalética⁴, o qual visou as estruturas de acolhimento aos visitantes. Foram implantadas nas vias e caminhos pedonais de acesso os painéis com informação geral e detalhada de acordo com a peça arqueológica específica. O percurso periférico principal é efectuado sempre paralelo à rede na direcção sul, permitindo ao mesmo tempo fruir da paisagem. A opção relativa ao traçado do percurso pedonal, com uma área total de cerca de 450,00m², procurou ainda minimizar potenciais estragos durante os trabalhos que decorreram da escavação e os quais poderão ser sempre retomados se assim for decidido. Andamos por cima de xisto chapeado e paramos nos locais previamente estabelecidos, de onde partem outros percursos em gravilha de tonalidade colorida. Pretende-se que o visitante possa aproximar-se o mais possível das estruturas, interagindo com as mesmas, pois “todos os sentidos, incluindo a vista, são prolongamentos do sentido do tacto, os sentidos são especializados do sentido cutâneo e todas as experiências sensoriais são modos de tocar” (PALLASMAA, 2012: 10). Os percursos em gravilha apresentam três tonalidades diferentes, três sinais, de modo a facilitar a leitura espacial e cronológica, correspondendo uma cor a determinado período e cultura.

² O projecto de recuperação da Villa romana do Montinho das Laranjeiras recebeu uma menção Honrosa no âmbito do concurso nacional a Pedra na Arquitectura que decorreu no ano de 2005, evento organizado pela empresa MarBrito, Lda. e pela Ordem dos Arquitectos. O trabalho foi exposto na Feira Internacional de Lisboa no mesmo ano e posteriormente percorreu alguns Núcleos da Ordem dos Arquitectos sediados em várias localidades do país.

³ A responsabilidade desta foi de José Lourenço Gonçalves, técnico especializado na área de restauro e colaborador do Museu Nacional de Etnologia em Sintra.

⁴ O design das placas informativas foi da autoria de Renato Bispo, professor do Instituto Politécnico das Caldas da Rainha.

ARQUITECTURA E SINAIS



3. Guarda corpos do adarve do castelo de Alcoutim



4. Passadiço envidraçado do museu de arqueologia do castelo de Alcoutim

As pré-existências são gesta, tempo cristalizado e memória presente em cada peça de arquitectura, ou do que resta dela. Assim, desejamos, assimilamos e compreendemos a metamorfose que os sítios geram a partir da essência deles próprios e daquilo que somos. Um risco traçado numa folha de papel corresponde à interpretação de um sinal da identidade ligada ao local. A ideia e o estudo nascem, modificam-se, adaptam-se, crescem e terminam porque o tempo assim o exige. O momento é finito. Um projecto é aquilo que se aproxima mais do que é o desejo e a beleza pensada pelo arquitecto. É o elo que liga a ideia à obra. Na história e no património procuramos factos, certezas e intenções, suportadas também por pré-existências e por memórias ligadas à poesia do lugar. Nos locais onde existem memórias existe uma identidade transmitida pelos sinais. Pedras que falam à nossa presença da história

dos lugares. O que fica é legado. São registos de tempo de um território com vivências. Um castelo protegia e formava um marco simbólico de poder, onde as bandeiras hasteadas ao vento reclamavam a posse daquelas terras. Castelo era alma dos que conquistavam, dos que defendiam, dos que protegiam o território e o povo que ali vivia. O apelo à história e às raízes mais remotas de um povo criam laços que fortalecem a sua identidade.

Historicamente e já em plena idade média, perto dos limites fronteiriços actuais que conhecemos, a vila de Alcoutim foi conquistada aos mouros, corria o ano de 1240, e então reinava D. Sancho II⁵. Contudo foi o rei D. Dinis⁶ que por sua ordem, a mandou repovoar e atribui-lhe foral em 09 de Janeiro de 1304. O castelo de Alcoutim⁷, localizado no centro da Vila eleva-se em posição dominante numa colina. Foi construído no século XIV em pleno reinado deste monarca e a edificação, terá apagado outros vestígios cronológicos anteriores, vestígios que passaram pela designada idade do ferro, pelo período romano republicano e pelas edificações islâmicas. Sentimos e sabemos que o património está ligado a história e aos seus sinais, porque “a cidade não conta o seu passado, contém-no como as linhas da mão, escrito nas esquinas das ruas, nas grades das janelas, nos corrimões das escadas” (CALVINO, 1990: 14 e 15). Assume mais do que algo físico que podemos tocar, observar e contemplar, “a arquitectura tem o poder de inspirar e transformar a nossa existência do dia a dia” (HOLL, 2011: 8). Marca-nos nas nossas intenções – desejo, procura e realização. Património é manancial inigualável de vida e inspiração. É o nosso ponto de alusão directamente ligado à identidade de cada um de nós. Aqui, abarcamos a obra arquitectónica que é criação que se forma conjuntamente por auto-referência e por via da acepção do ambiente onde se inscreve e ainda da percepção de quem a concebe. Sentir a arquitectura através do método da fenomenologia. Metodologia esta que é o que as coisas são em si mesmo, trata da descrição da essência, daquilo que a estrutura de cada ser humano consegue olhar, tocar e perceber “apesar da prioridade do olho, a observação visual às vezes confirma-se pelo tacto” (PALLASMMA, 2012: 23), e, porque a verdade é incomunicável, é infinita. Recoloca a essência na existência e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra forma, que não seja a partir de sua facticidade. É uma filosofia transcendental, que coloca em suspenso, as afirmações da atitude natural, mas também é uma filosofia para a qual o mundo esteve sempre lá, muito antes da reflexão, como se trata-se de uma presença inalienável.

Num percurso com cerca de 230 metros lineares, o frio corrimão em aço inox despolido auxilia a mão e o corpo do visitante a percorrer um caminho. Neste antigo local da ronda dos soldados, promoveu-se a colocação de uma protecção⁸ destinada à segurança do visitante. Procurou-se uma integração harmoniosa com a peça patrimonial, com o objectivo de reduzir o impacto visual. Contudo, tratando-se de um guarda-corpos, a sua exposição é assumida como uma peça contemporânea, que pela sua cromatologia escura e neutra, marca discretamente todo o percurso do adarve.

A peça da Plataforma para o Núcleo de Arqueologia foi idealizada na sequência da primeira intervenção, construída por uma estrutura em vigas metálicas, incluindo guarda-corpos também metálico, pintado na cor cinza-escuro. O pavimento é composto por três vidros termolaminados colados entre si e com a espessura final de 20 mm e de dimensões de 1400x800 mm, estes vidros foram apoiados transversalmente em cantoneiras metálicas laterais. Assumiram-se os

⁵ Foi rei com apenas treze anos, numa altura difícil, pois o reino encontrava-se interdito pela Santa Sé. - Cf. ALMEIDA, Eduardo Fortunato de (2003). História de Portugal, desde os tempos pré-históricos a 1580 – primeiro volume. Lisboa: Bertrand Editora, p.114 a 129.

⁶ D. Dinis, de educação esmerada, como nenhum príncipe anteriormente tinha tido no reino de Portugal. Para isso, deu-lhe o pai D. Afonso III, mestres de grande reputação. - Cf. ALMEIDA, Eduardo Fortunato de (2003). História de Portugal, desde os tempos pré-históricos a 1580 – primeiro volume. Lisboa: Bertrand Editora, p. 133.

⁷ Património classificado através do Decreto-Lei nº 45/93 de 30 de Novembro de 1993.

⁸ Projecto executado em 2011 e com a obra inaugurada em 31 de Março de 2012.

materiais recentes, realçando o que interessa no projecto – a arqueologia. A arquitectura e a estabilidade são um suporte relativamente discreto para aceder às peças arqueológicas, mas ao mesmo tempo presente numa estética que se pretende assumidamente contemporânea. A intervenção neste espaço promove a função de acessibilidade dentro do núcleo – o espaço arqueológico. O passadiço visa ser uma peça onde a leveza seja um elemento essencial.

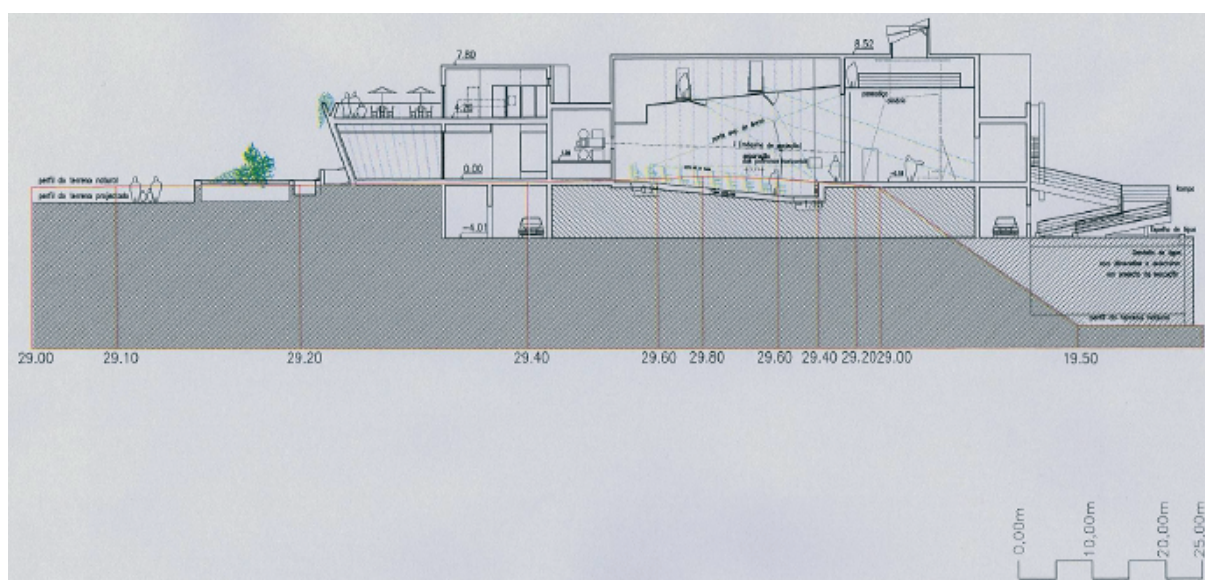
ARQUITECTURA E CONTEMPORANEIDADE

A qualidade de um projecto passa pelo sábio doseamento da proporção, da escala e da articulação dos seus elementos, por vezes quase insólitos e no limiar do possível, a harmonia do ângulo, da recta, do sinuoso, do natural, do artificial, da luz, dos materiais. Num processo metodológico e de reflexão sentem-se estes locais, como elementos integrantes da memória de um rio, de uma vila, de um castelo, de um casario branco do sul e de um território de vastidão e silêncio. Estes lugares singulares existentes numa região com identidade marcada nos rostos das gentes locais e nas casas de arquitectura vernacular com acabamentos rústicos e singelos ou ainda num sobreiro esquecido e sem idade que vigia o horizonte, são o ponto de partida para uma viagem do conhecimento destas paragens porque provavelmente “viajas para conhecer o teu futuro?” (CALVINO, 1990: 31). As intervenções procuram respeitar a componente cultural, arquitectónica e paisagística suportada nos sinais, relações e testemunhos a partir do olhar de quem projecta porque “ao trabalhar sobre um edifício ou um objecto, o arquitecto simultaneamente dedica-se a uma perspectiva inversa, a sua própria imagem; o, mais exactamente, a sua experiência existencial” (PALLASMMA, 2012: 12), concebendo espaços para a efectivação de vida. Habitar é seguramente a nossa forma de exprimirmos que estamos presentes no mundo e é a partir desta realidade que construímos todo o real que nos envolve. A descoberta de uma coisa está na forma como a observamos. Construir é habitar, mas habitar também é a forma de sermos aquilo que somos sobre o planeta, porque o homem é a escala daquilo que habita. É a relação métrica da construção. A arquitectura fornece o lugar de protecção e o modo mais humanizado de habitar um espaço.⁹ Gaston Bachelard¹⁰, na sua obra da Poética do espaço, refere-nos o caso teórico de habitar aquilo que é autêntico. Nada mais autêntico que um ninho, este oferece-nos protecção mas ao mesmo tempo liberdade, trata-se de uma casa precária e estão incluídos nela as conotações de abrigo e fragilidade.¹¹ O ninho não é certamente uma tarefa arquitectónica aplicada à realidade, como a casa que iremos construir, mas sim uma aspiração no sentido absoluto de habitar, nas relações e princípios que temos com a nossa protecção enquanto espécie e como nos relacionamos com a nossa contemporaneidade.

⁹ Cf. PEDRAGOSA, Pau (2011). Investigaciones Fenomenológicas, vol. Monográfico 3: Fenomenologia y politica. Barcelona: Universitat Politècnica de Catalunya, p. 376 e 377.

¹⁰ Cf. [2012.11.24]. http://en.wikipedia.org/wiki/Gaston_Bachelard: Gaston Bachelard (1884 – 1962): “De nacionalidade francesa, foi filósofo e poeta. Estudou ciências e a filosofia e a sua obra poderá ser sentida a partir de um trecho seu redigido no livro da Poética do Espaço.”, “Demasiadamente tarde, conheci a boa consciência, no trabalho alternado das imagens e dos conceitos, duas boas consciências, que seria a do pleno dia e a que aceita o lado nocturno da alma.”

¹¹ Cf. BACHELARD, Gaston (2000). A poética do espaço. México: F.C.E., p.137 in de PEDRAGOSA, Pau (2011). Investigaciones Fenomenológicas, vol. Monográfico 3: Fenomenologia y politica. Barcelona: Universitat Politècnica de Catalunya, p. 378: “Quando examinamos um ninho, colocamo-nos na origem da confiança no mundo, recebemos uma confiança de início”.



5. Perfil do auditório de Alcoutim

A construção do futuro Auditório¹², projecto promovido pela autarquia¹³, localiza-se num pequeno planalto designado por entrada sul da vila com uma privilegiada vista sobre o rio Guadiana, de franco acesso ao novo loteamento da vila e ao núcleo histórico. Foi a partir da análise efectuada ao planalto e às encostas adjacentes, que resultaram as linhas estruturais de projecto que apontam para o rio. A solução projectual¹⁴ busca uma coerência formal e plástica, realçando o carácter dos elementos locais numa paisagem com identidade. Trata-se de um projecto que ambiciona ser um espaço de referência, na malha urbana consolidada¹⁵. Este local ideal para misturar funções e usos do território, de forma a obter um melhor benefício vivencial, onde a diversidade aliada a valores ecológicos, recreativos e habitacionais resulte numa perspectiva sustentável. O objecto nasceu da ideia de um barco que navega na Serra e no Rio, porque a paisagem confunde-se numa só¹⁶, mas porque “aquela área também se caracteriza, de facto, pela presença de um limite” (SIZA, 2009: 21). Toda a parte posterior da edificação flutua num espelho de água, espelho que fará parte do rio que sustenta em grande parte a identidade do território. A peça de arquitectura assume uma força e um dramatismo suportado pela natureza envolvente, “o espírito preceptivo e a força metafísica da arquitectura guiam-se pela qualidade da luz e da sombra formado pelos sólidos e pelos vazios” (HOLL, 2011: 22), assim como à sua função cénica e teatral, num jogo de formas geométricas, volumétricas de elementos e de materiais.

¹² A Câmara Municipal julga proceder à construção do auditório a médio prazo. Para o efeito realizou uma candidatura para obtenção de fundos comunitários. O projecto foi concluído em 2004, por esse motivo foi realizado no ano de 2012 um projecto de adaptação de acordo com a legislação em vigor.

¹³ Obteve aprovação do projecto base em 2004.08.28. pela Câmara Municipal de Alcoutim através de registo camarário.

¹⁴ Cf. PALLASMAA, Juhani (2012). Os olhos da pele. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SL, p. 12: “Segundo Ludwig Wittgenstein, «Na realidade, trabalhar em filosofia – como em muitos sentidos na arquitectura – não é mais que trabalhar sobre um mesmo, sobre a própria interpretação de um mesmo, sobre como vê as coisas.»”

¹⁵ Cf. HOLL, Steven (2011). Fenomenologia da arquitectura. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SL., p. 14: “Maurice Merleau-Ponty descreveu uma realidade “intermédia” ou um “terreno em que é possível reunir as coisas de um modo universal.”

¹⁶ Cf. – HOLL, Steven (2011). Fenomenologia da arquitectura. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SL., p. 41: “Existe um reino onde as ideias não tem limites, onde a medida final da arquitectura reside nas suas essências perceptivas, e que mudam a experiência das nossas vidas.”

Na fidelidade à descrição fenomenológica, Alcoutim surge, como aquilo que a estrutura de cada ser humano consegue olhar, tocar e perceber. Os projectos, que serão uma forma de transmutações ao nível do pensamento e dos desejos, não são mais que as partes visíveis que ligam os diferentes tempos, culturas, desejos e necessidades. O património arqueológico e arquitectónico é constituído por pedras. Pedras que são as meigas guardiãs e espectadoras do tempo. São elas que guardam os vestígios da arquitectura ancestral e dos sinais que cruzam esse tempo e que identificam os lugares. Na arquitectura actual predomina a sua maleabilidade de formas e volumes que se amarram com a paisagem. Desejam criar pontos de encontro com a envolvente, partindo dos indícios.

Fixamos que nas intervenções recentes a que o património é sujeito, sejam em pré-existências ou somente no território, será fundamental realizar posteriormente a sua inventariação, através de registos narrativos e de ilustrações, que esclareçam de forma consentânea o estado de manutenção e uso do imóvel à data dos projectos de arquitectura. Assim, os projectos minimalistas são formas de desempenho que acatam a integridade do património.

Património repleto de memória que nos antecedeu e que conserva os sinais e a identidade quando a interpretação é sustentada por uma arquitectura de essência, porque só assim a memória continua presente. O futuro nasce com o passado e com a capacidade de interpretarmos os sinais e compreendermos a identidade dos lugares.

BIBLIOGRAFIA

- AALTO, Alvar (1982). *La humanización de la arquitectura*. Barcelona: Tusquet Editores.
- ALMEIDA, Eduardo Fortunato de (2003). *História de Portugal, desde os tempos pré-históricos a 1580 – primeiro volume*. Lisboa: Bertrand Editora.
- ALMEIDA, Eduardo Fortunato de (2003). *Instituições políticas e sociais de 1385-1580 a 1580-1816 – segundo volume*. Lisboa: Bertrand Editora.
- ALMEIDA, Eduardo Fortunato de (2003). *Instituições políticas e sociais de 1580-1816 a 1816-1910 – terceiro volume*. Lisboa: Bertrand Editora.
- CALVINO, Italo (1996). *Cidades invisíveis*. Lisboa: Editorial teorema.
- CATARINO, Helena Maria Gomes (1990). Vestígios muçulmanos no Nordeste Algarvio e o Castelo Velho de Alcoutim, *Actas do 6º Congresso do Algarve*, vol. I. pp.25-31. Silves: Editora Racal Clube.
- CATARINO, Helena Maria Gomes (1997). *O Algarve oriental durante a ocupação islâmica - povoamento rural e recintos fortificados*, Al-Ulyã, nº6, 3 vols. Loulé: Arquivo Histórico Municipal de Loulé.
- CATARINO, Helena (2005/2006). *Formas de ocupação rural em Alcoutim (séculos V-X)*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- CORREIA, Mariana (2007). *Taipa no Alentejo*. Lisboa: Argumentum.
- CORREIA, Mariana; JORGE, Vítor Oliveira (2006). *Terra: Forma de construir. Arquitectura – Antropologia - Arqueologia*. Lisboa: Argumentum e Escola Superior Gallaecia, ensino universitário.
- COUTINHO, Hélder Manuel Ribeiro (2005). *As ruínas do Montinho das Laranjeiras*. Lisboa: Câmara Municipal de Alcoutim/Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional – Algarve.
- COUTINHO, Hélder (1997). *Terra sigillata clara do Montinho das Laranjeiras – 1990 e 1991*. Alcoutim: Câmara Municipal de Alcoutim.
- COUTINHO, Hélder (2003). *XELB 4 - Actas do 1º encontro de arqueologia do Algarve*. Silves: Museu Municipal de Arqueologia/Câmara Municipal de Silves.
- ESTEVES, José Fernandes e SINTRA, Filomena Pascoal (2004). *Baixo Guadiana, caminhos do património*. Algarve: Associação Odiana.

- FERREIRA, Alcino (2007). Metodologias: método fenomenológico e obra de arte. Lisboa: Universidade Lusíada de Lisboa.
- GRADIM, Alexandra (2006). Alcoutim urbano e rural dos finais da idade média ao fim do antigo regime. Lisboa: Edições Colibri.
- GRADIM, Alexandra (2005). Actas do 3º encontro de arqueologia do Algarve. Silves: Câmara Municipal de Silves.
- GRADIM, Alexandra (2005). Cartas arqueológicas: Do inventário à salvaguarda e valorização do património. Actas das jornadas realizadas em Arouca em 2004. Arouca: Câmara Municipal de Arouca.
- HOLL, Steven (2011). Cuestiones de percepción, Fenomenologia de la arquitectura. Barcelona: Gustavo Gil mínima.
- LYNCH, Kevin (2008). A Imagem da Cidade. Lisboa: Edições 70.
- MACIEL, M. Justino (2006). Vitruvius – Tratado de arquitectura. Lisboa: IST Press.
- MACIEL, M. Justino (1996). Antiguidade tardia e Paleocristianismo em Portugal. Lisboa: Edições Colibri.
- MENDES, António Rosa; PEREIRA, Daniela (2010). Alcoutim – Terra de Fronteira. Alcoutim: Câmara Municipal de Alcoutim.
- NIEYMEYER, Óscar (1997). Conversa de arquitecto. Porto: Campo das Letras, S. A.
- NORBERTO, J. (1988). Arquitectura popular em Portugal. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses.
- PALLASMA, Juhani (2012). Los ojos de la piel, la arquitectura y los sentidos. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S.L.
- PALLASMA, Juhani (2012). La mano que piensa – Sabiduría existencial y corporal en la arquitectura. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S.L.
- PALLASMA, Juhani (2010). Conversaciones con Alvar Aalto. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S.L.
- PALMA, Jorge; CABRITA (Coordenador), Aurélio; BARÃO; Carlos, DIAS, Fernando; FERNANDES, Nelson; BRITO, Victor (Colaboradores) (2010). Os Paços do Concelho de Alcoutim no centenário da República. Alcoutim: Câmara Municipal de Alcoutim.
- PATETTA, Luciano (1984). História de la arquitectura, Antologia crítica. Madrid: Hermann Blume.
- PEDRAGOSA, Pau (2011). Investigaciones Fenomenológicas, vol. Monográfico 3: Fenomenologia y política. Barcelona: Universitat Politècnica de Catalunya.
- SANTOS, Maria Luísa Estácio da Veiga Afonso dos (1972). Arqueologia Romana do Algarve. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- SANTOS, Maria Luísa Estácio da Veiga Afonso dos (1976). Alguns aspectos da arqueologia romana do Algarve. Faro: Anais do Município de Faro.
- SIZA, Álvaro (2000). Imaginar a evidência. Lisboa: Edições 70.
- VARANDA, Fernando (2002). Mértola no Alentejo (Tradição e mudança no espaço construído). Lisboa: Assírio e Alvim.

ALCINO BAPTISTA FERREIRA

Doutor em Filosofia, Universidade Nova de Lisboa. Ex-Professor Associado, Universidade Lusíada de Lisboa. Ex-Investigador, CITAD, Universidade Lusíada de Lisboa.

alcino@hotmail.com

VICTOR MANUEL GUERREIRO DE BRITO

Mestre em Arquitectura, Universidade Lusíada de Lisboa.

vbrito@netcabo.pt